

Artigos Multitemáticos

A «invenção» do hospital medieval: O caso português

The «invention» of the medieval hospital: The Portuguese case

PORFÍRIO PINTO¹

Resumo: Em finais do século XI e inícios do século XII, surge na cristandade um novo modelo de hospital, inspirado nos escritos de Santo Agostinho, que, *grosso modo*, foi o que permaneceu até aos dias hoje. Com efeito, a reforma que acompanhou a criação dos hospitais gerais, nos séculos XV-XVI, não foi de todo «revolucionária», mas procurou sobretudo dar resposta a um certo desregramento administrativo que caracterizava então as instituições assistenciais e à crescente demanda por assistência hospitalar (em moldes completamente diferentes do período anterior). Portugal não esteve à margem desta revolução hospitalar medieval, como provam o envolvimento dos Hospitalários em Braga e dos Crúzios em Coimbra, que aqui procuramos caracterizar muito sucintamente.

Palavras-chaves: Hospital; Regra de Santo Agostinho; Serviço; Medicina.

Abstract: At the end of the 11th century and the beginning of the 12th century, a new model of hospital emerged in Christianity, inspired by the writings of St. Augustine, which, roughly speaking, has remained to this day. In fact, the reform that came with the creation of general hospitals, in the 15th-16th centuries, was not at all a «revolutionary» one, but sought above all to respond to a certain administrative disorder that characterized care institutions then and the growing demand for hospital care (in completely different ways from the previous period). Portugal was not on the sidelines of this medieval hospital revolution, as proven by the involvement of the Hospitallers in Braga and the Crosiers in Coimbra, which we seek to characterize very succinctly here.

Keywords: Hospital; St. Augustine's rule; Service; Medicine.

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3127-1420>.

Introdução

Em obra recente, o medievalista francês François-Olivier Touati, especialista na história da lepra e da medicina medieval, defendeu que a «invenção» do hospital, tal como hoje o conhecemos, ocorreu em meios ligados a Yves de Chartres (1040-1115) e à aceitação e difusão da *Regula recepta* de Santo Agostinho, uma criação medieval a que o bispo de Chartres não foi de todo estranho (Touati, 2017).²

Com efeito, durante o chamado «renascimento do século XII», Chartres foi um importante centro cultural da Europa (Goff, 1996: 58-60), com uma escola-catedral muito influente (a que pertenceram muitos dos intelectuais da época), onde também se ensinava a Medicina como complemento ao *trivium* e ao *quadrivium*. Essa ciência foi particularmente cultivada pelo bispo Fulbert (952/970-1028).³ Também Yves teve essa preocupação, pelo que não surpreende ver a presença do médico Gauslin entre os frequentadores da colegiada de Saint-Jean-en-Vallée, por volta de 1112, depois da reforma ali levada a cabo pelo influente bispo chartrense (Touati, 2017: 35).

Os primeiros hospitais do género de que há notícia em Portugal são de meados do século XII, e o objetivo deste breve estudo é situá-los no contexto dessa «revolução hospitalar medieval», que envolveu não apenas as novas Ordens de Cónegos Regrantes e de Hospitalários, mas também os leigos que aspiravam a consagrar a sua vida ao cuidado dos pobres e enfermos.

As fontes em que nos podemos basear para a nossa reflexão são parcas em informação, mas permitem-nos perceber uma «novidade», que a evolução posterior virá a confirmar.

1. Os «novos» hospitais de Braga e de Coimbra

No dia 19 de julho de 1145, o arcebispo de Braga, D. João Peculiar, e o seu cabido doavam à Ordem do Hospital, fundada cerca de 30 antes, o hospital (e bens correspondentes) que Pedro Ourives e sua esposa construíram na cidade (Paiva *et al.*, 2003, II: 29 e ss.).⁴ Anos mais tarde, o mesmo casal benemérito da mitra bracarense fundaria, junto ao referido hospital, também uma igreja, que doaria à arquidiocese, e seria depois entregue à mesma ordem militar.

² Sobre a *Regula recepta* e a sua relação com Yves de Chartres, cf. Verheijen, 1967, II: 118-120 e 212-213.

³ O currículo escolar medieval compreendia sete artes: três delas relativas às letras, o *trivium* (Lógica, Gramática e Retórica); e quatro relativas às ciências, o *quadrivium* (Aritmética, Música, Geometria e Astronomia). No século XII, precisamente, ao grupo das ciências junta-se a Medicina. A arte é um bom testemunho desta evolução. As oito disciplinas estão representadas na Catedral de Chartres. No pórtico norte, estão representadas as artes do *trivium* e do *quadrivium*. Nos vitrais, a Medicina (particularmente no *Vitral sobre a vida de S. Pantaleão*). O mesmo acontece na Catedral de Laon, na rosácea do lado norte do transepto: rodeando a «rainha das ciências», a Teologia (ao centro), são representadas as ciências do *trivium* e do *quadrivium*, e ainda a Medicina.

⁴ A doação seria confirmada cinco anos mais tarde (cf. Marques, 1989: 47).

Na verdade, a doação do hospital edificado por Pedro Ourives não era de todo uma novidade em Braga (cf. Marques, 1989: 47; Ribeiro, 2016: 57).⁵ Anteriormente, algures entre 1118 e 1128, D. Paio Mendes doara um outro hospital – o de Arrancada, com parte dos seus bens,⁶ – à Ordem do Templo (Marques, 1989: 47),⁷ que fora fundada em 1118 por um grupo de cavaleiros. Essa doação seria também confirmada quer pelo arcebispo D. João Peculiar e seu cabido, em agosto de 1145 – ou seja, no mesmo ano da doação de Pedro Ourives –, quer depois pelo Papa Alexandre III, em 15 de dezembro de 1162 (Ribeiro, 2016: 71).⁸

Não temos muitas notícias acerca do funcionamento destas obras assistenciais. O hospital da Arrancada parece ter sido construído para dar apoio aos viandantes e peregrinos (Balsa, 2021, II: 229-230).⁹ Portanto, seria mais uma albergaria. O de São João do Souto, doado por Pedro Ourives, esse sim, um hospital «novo». Posteriormente, seria administrado por uma confraria, criada nas primeiras décadas do

século XIII (Ribeiro, 2016: 57), e incorporado, séculos mais tarde, no Hospital de São Marcos, o hospital geral bracarense criado pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

De meados do século XII, entre 1148 e 1150, é também o Hospital de São Nicolau, junto ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Martins, 2003: 261-262).¹⁰ Os historiadores apresentam vários motivos para a sua criação. António Cruz refere que a instituição foi criada no contexto da reconquista e serviu para albergar os moçárabes aprisionados por D. Afonso Henriques.¹¹ Armando A. Martins, por seu turno, privilegia a assistência aos peregrinos, mormente os que se dirigiam para Santiago de Compostela, embora sem descurar a outra razão (Martins, 2002).¹² Mas talvez os dois tenham razão. Olhando para o nome do patrono da instituição, S. Nicolau, os dois motivos podem ser bastante válidos.

Embora S. Nicolau já fosse certamente conhecido na Península Ibérica antes da transladação das suas relíquias para a cidade de Bari, no

⁵ Ver também Costa, 2013: 235-236, mais focada nos Templários.

⁶ A outra parte dos bens doados pelo arcebispo foi destinada à construção da Ponte de Prado.

⁷ O Hospital da Arrancada havia sido construído em propriedades doadas por Pedro Elias (cf. Balsa, 2021, II: 228).

⁸ A confirmação papal foi publicada em Paiva *et al.*, 2003, II; 30-31.

⁹ Como é referido por este autor, na altura, Santiago de Compostela já se havia imposto como um dos principais lugares de peregrinação da cristandade.

¹⁰ Tendo consultado os documentos da época, este autor refere que a confirmação dos bens do mosteiro por Eugénio III, em 1148, ainda não menciona o hospital; mas este já surge no documento de Adriano IV, de 1157, que concede alguns privilégios ao mosteiro crúzio. Um outro testemunho, do benfeitor Vermudo Aires, de 1150, já fala do «hospitale Sancte Crucis», o que justifica as datas avançadas.

¹¹ O estudo de A. Cruz («D. Teotónio, prior de Santa Cruz: o primeiro cruzado e primeiro santo de Portugal») é citado por Silva, 2017: 54.

¹² No sentido de António Cruz, ver Martins, 2003: 264.

ano de 1087, no entanto, o seu culto difundiu-se sobretudo após aquela data.¹³ Em 1107, foi-lhe consagrada uma capela na Catedral de Santiago de Compostela, em simultâneo com uma outra dedicada a S. Martinho de Tours.¹⁴ Depois, na sequência da peregrinação de alguns personagens à Terra Santa — entre os quais S. Teotónio —, o culto nicolino foi introduzido em outras quatro cidades peninsulares: Coimbra, Toledo, Madrid e Valência.¹⁵ Devemos ter em conta que o antigo bispo de Mira foi um dos santos mais populares na Idade Média, juntamente com S. Tiago e S. Martinho.¹⁶

A sua popularidade está relacionada quer com o espírito de peregrinação, sendo por isso um dos santos protetores dos peregrinos (Castiñeiras, 2005: 66), quer ainda com o esforço de reconquista cristã, enquanto «defensor da fé» (Mcknight, 1917: 143).¹⁷ Como protetor do peregrino, aquele que ajuda a restaurar as forças do viandante e é apoio permanente no caminho, são-lhe dedicadas muitas ermidas nos vários caminhos de Santiago de Compostela (cf. Castiñeiras, 2006). Como defensor

dos cristãos vítimas dos sarracenos, S. Nicolau exerce uma função muito semelhante à de Santiago «Matamouros». Qualquer das razões, portanto, pôde estar por detrás da criação do hospital crúzio de Coimbra, dedicado a S. Nicolau: ou a evocação da proteção dos peregrinos que se dirigiam a Compostela, ou a luta de reconquista contra os mouros.

Curiosamente — ou não —, pouco antes da fundação do hospital crúzio, foi também criada em Coimbra uma confraria de S. Nicolau, de que conhecemos o compromisso — aliás, o mais antigo compromisso do género que chegou até nós (cf. Paiva *et al.*, 2003, II: 261-262). Observando a argumentação ali usada para fundamentar a criação da agremiação, encontramos uma terminologia muito semelhante à usada pelos Cónegos Regrantes, no quadro da reforma que conduziu à sua criação: o desejo de «vida apostólica» à imagem da comunidade primitiva dos apóstolos. Aliás, o compromisso remete para o livro dos Atos dos Apóstolos, onde encontra o lema que preside à sua instituição: «huum coraçam e huua

¹³ Os dados utilizados de seguida são retirados de Cioffari, 2016.

¹⁴ Até então, as capelas existentes estavam dedicadas aos apóstolos e a S. João Batista. Não deixa de ser curiosa a introdução dos dois cultos em simultâneo. Todavia, é possível que noutros lugares da Península Ibérica já houvesse alguma igreja dedicada a S. Nicolau.

¹⁵ Na sua segunda peregrinação à Terra Santa, S. Teotónio passou seis semanas em Bari (o «Porto de São Nicolau»), uma estadia que deve ter tido algum impacto no peregrino.

¹⁶ Folheando a *Corografia Portuguesa* (1706-1712) do Padre António Carvalho da Costa, verificamos a presença de várias freguesias com S. Nicolau como orago, principalmente em Braga e Bragança; mas também as principais cidades lusas (Porto, Santarém e Lisboa) têm uma freguesia dedicada a esse santo.

¹⁷ O culto de S. Nicolau cresce paralelamente à difusão do Islão. Por isso, alguns dos milagres que lhe são atribuídos refletem essa realidade. Um dos mais conhecido, no Ocidente, é o da libertação do jovem Basílio, escravizado pelos sarracenos (Bacci, 2009: 59). Para o seu papel de protetor dos estudantes, ver sobretudo Araújo, 2019.

vomtade era em todos aquelles que eram». Consequentemente, continua o documento, «comviimos em Christo em huua hirmindade e amor e pois que asy he em esta tençam huume ho outro d'amor de hirmãao e ho outro na necessidade com deligemcia lhe acorra» (Paiva *et al.*, 2003, II: 261). O compromisso não fala da doença, mas refere o cativo (perfeitamente compreensível no quadro da reconquista). Não sabemos se, posteriormente, esta confraria chegou a ter alguma relação com o hospital crúzio.

O certo é que os cônegos regantes estavam fortemente envolvidos no domínio da assistência aos pobres, peregrinos e enfermos. As suas principais casas em Portugal – São Vicente de Fora (Lisboa), Santa Cruz e São Jorge (Coimbra), São Salvador de Grijó (perto do Porto) e Santa Maria de Refoios do Lima – possuíam hospitais (Martins, 2002: 193). Noutros lugares, dirigiam albergarias (Martins, 2002: 197). A assistência, portanto, fazia parte do seu carisma, como de seguida veremos.

2. A tradição da hospitalidade

Desde o momento em que a *ecclesia*¹⁸ alcançou a paz, com Constantino, houve sempre da parte dos seus responsáveis uma preocupação pela

assistência aos mais pobres, como uma necessidade intrínseca ao próprio anúncio do evangelho cristão, onde o testemunho de vida é tão importante quanto o anúncio ou o diálogo. Como é sabido, os «hospitais» não são uma criação cristã. Estas instituições já existiam no mundo greco-romano, embora – é preciso dizê-lo – sem o universalismo que viriam a adquirir no cristianismo: as congêneres cristãs passaram a ser acessíveis a todos, amigos e inimigos, familiares e estranhos.

Mas falar de «hospitais», neste período, é falar de uma panóplia de estabelecimentos erigidos para dar resposta a diversas necessidades, a saber: a *nosokomeia*, explicitamente para tratamento de doentes (durante um tempo mais ou menos longo); a *ptochotropheia*, para indigentes e leprosos; a *xenodocheia*, para pobres transitórios; a *brephotropheia*, para crianças recém-nascidas abandonadas; a *orphanotropheia*, para crianças órfãs; a *gerontokomeia*, como asilos para idosos; etc. (Marques, 1989: 16; Horden, 2019: 46).

No Oriente, o bispo de Cesareia, na Capadócia, S. Basílio, fundou uma Ordem monástica nos arredores da sua cidade, que mantinha um abrigo para os pobres, um hospício e um hospital, *nosokomion* (Horden, 2019: 33-38). No

¹⁸ Trabalhando sobre um conceito proposto por A. Guerreau, A. Guerreau-Jalabert define a *ecclesia* como uma «estrutura global» da sociedade medieval e protomoderna: «le christianisme [...] constitue dans l'Occident médiéval le cadre général d'un système de relations sociales, de pratique, de représentations du monde et de la société dont les éléments sont imbriqués dans une structure globale qui seule fait sens et dont l'évolution, entre le v^e et le xvi^e, sinon le xviii^e siècle, est précisément générée par ses propriétés fondamentales» (Guerreau-Jalabert, 2002: 195-196).

Ocidente, em Roma, a primeira instituição cristã deste género foi criada pela nobre romana convertida ao cristianismo, Fabíola (Horden, 2019: 68). Durante a Alta Idade Média, essa preocupação assistencial foi assegurada, por um lado, pelos prelados e pelos seus mais diretos colaboradores, os cónegos,¹⁹ e, por outro, pelas ordens monásticas.²⁰ No início da Baixa Idade Média, que é o período que aqui nos concerne mais particularmente, surge uma «terceira via» — nas palavras de François-Olivier Touati (2017: 79) —, que constitui uma verdadeira revolução no domínio da assistência hospitalar: a invenção do hospital tal como hoje o conhecemos (Touati, 2017: 80). Nesta terceira via, estão fortemente comprometidos os leigos, recebendo a sua inspiração maior da regra de Santo Agostinho — a *Regula recepta* —, provavelmente obra de Yves de Chartres,²¹ que será adotada no século XII quer pela maioria dos mosteiros de Cónegos Regrantes — e nomeadamente a abadia de Saint-Ruf, em Avinhão, fundada em 1039 (*His-*

toire du clergé, 1716, I: 159-163)²² —, quer pelas Ordens hospitalares de fundação laical.

A redescoberta da regra de Santo Agostinho na segunda metade do século XI deu origem a duas tendências: por um lado, os defensores do *ordo antiquus*, ou seja, da fidelidade à regra de Aix la Chapelle (modificada unicamente no ponto relativo ao ideal de pobreza), embora com referências agostinianas, aos *Sermões* do Hiponense, à *Vida de Santo Agostinho* de Possídio e, sobretudo, à mencionada *Regula recepta* (Dietler, 1965: 132); e os defensores do *ordo novus*, sensíveis a uma maior austeridade (tal como transparece no agostiniano *Ordo monasterii*), que foi cultivada quer na abadia dos Cónegos Regrantes de Springiersbach, quer, depois, na Ordem dos Cónegos Regrantes Premonstratenses, fundados por S. Norberto (Dietler, 1965: 132). Os «Regulares», no entender de Yves de Chartres, não são monges que devam dedicar-se ao silêncio e à contemplação, mas cónegos encarregados

¹⁹ Essa prática, na base dos estabelecimentos que ficaram conhecidos em França como os «*hôtel-Dieu*», foi depois regulamentada pelo concílio de Aix-la-Chapelle de 816, que criou a primeira grande regra para os cónegos (na altura, ainda seculares). Diz essa regra: «Tout évêque doit faire ériger un hôpital pour les pauvres et les étrangers, et le pourvoir du nécessaire. Chaque clerc doit donner, dans ce but, la dîme de tout ce qu'il reçoit. On placera à la tête de cet hôpital un chanoine digne de cet emploi. Les clercs doivent, au moins pendant le carême, laver les pieds des pauvres dans les hôpitaux» (Hefele, 1911, IV-1: 14). A Regra de Aix prescreve aos cónegos a hospitalidade aos viandantes, aos peregrinos e aos pobres. Relativamente às monjas, o segundo livro (*De institutione sancti monialium*) ordena-lhes que visitem assiduamente os doentes, com mais zelo do que qualquer outra pessoa (cf. Hefele, 1911, IV-1: 15).

²⁰ Durante este período, a regra monástica por excelência era a de S. Bento, que dizia (remetendo para o Evangelho de Mateus): «Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo, pois ele próprio irá dizer: "Fui hóspede e me recebestes"» (*Regra de São Bento*, 53; cf. Mt 25, 35).

²¹ É a opinião de um dos maiores estudiosos da regra de Santo Agostinho, Luc Verheijen (1967, II: 118-120 e 212-213). Ver também Ramsey, 2004: 33.

²² Esta obra setecentista dá a entender que a Abadia de Saint-Ruf seguia desde início a regra agostiniana. Porém, em boa verdade, a primeira referência a essa regra ocorre apenas em 1067, na província de Reims, e não será certamente a *Regula recepta* (Dietler, 1965: 131).

da *cura animarum*, no respeito das regras canônicas e da autoridade episcopal (Touati, 2017: 54). Devem por isso colocar-se ao serviço do próximo, ocupando-se das chamadas obras de misericórdia. Provavelmente, como foi dito, a ele se deve a *Regula recepta*, que o inspirou na reforma dos Cónegos Regulares de Saint-Quentin de Beauvais, fundados em 1067 e de quem foi o abade a partir de 1072 até ser nomeado bispo em 1090, mas também da reforma da colegiada de Saint-Jean-en-Vallée, que dependia do cabido da Catedral de Chartres. Ao redigir essa regra, fundamentou-se sobretudo no *Praeceptum* agostiniano, que o Hiponense havia escrito para o clero que rodeava o bispo, ao qual acrescentou o exórdio do *Ordo monasterii*, uma glosa de Mateus 22, 37-40 — «Antes de tudo, irmãos caríssimos, amemos a Deus e depois ao próximo, porque estes são os principais preceitos que nos foram dados» (*Regra de Santo Agostinho*, exórdio) —, deixando de parte o resto da obra augustiniana, essencialmente litúrgico e ascético, e mais apropriado para monges. As tensões entre defensores do *ordus antiquus* e defensores do *ordus novus* perduraram durante anos, a ponto do redator do costumeiro de Saint-Quentin, trinta anos após a morte de Yves de Chartres,

sentir necessidade de vir em defesa do grande bispo reformador (Labey, 2015: 242).

No entanto, o que importa aqui referir é o envolvimento dos leigos neste processo de reforma. A vida apostólica que os Cónegos Regulares procuravam recuperar também atraiu muitos leigos — as mulheres em primeiro plano —, que sentiram o desejo de se envolver mais no serviço ao próximo.²³ É claro que sempre houve a possibilidade de se juntar aos monges ou aos cónegos para servir os pobres e os doentes. Porém, o modelo de vida regular elaborado agora para os cónegos respondia também às aspirações dos leigos desejosos de se consagrar ao cuidado dos pobres, sem terem de se tornar monges ou clérigos. Esse passo, precisamente, foi dado na Palestina, com a criação do hospital de São João de Jerusalém, cujo primeiro administrador foi um leigo chamado Gerardo. Em 1112-1113, o antigo hospício beneditino²⁴ muda de estatuto: separa-se do conjunto monástico e forma uma comunidade autónoma sob a direção de Irmãos Hospitalários leigos, que adotam a regra agostiniana reformulada por Yves de Chartres, recebendo logo de seguida confirmação pontifícia.²⁵ Era a concretização da terceira via anteriormente referida.

²³ Exemplos da alta sociedade são os da rainha Margarida da Escócia (1046-1093), canonizada em 1250, ou o de sua filha Matilde (1080-1118), rainha de Inglaterra, e extremamente dedicada aos leprosos.

²⁴ Esse hospício, destinado aos peregrinos, estava dependente do Mosteiro de Santa Maria Latina. Renovado pelos mercadores de Amalfi, pelos anos 1040-1060, era muito frequentado pelos peregrinos.

²⁵ Pela Bula *Pie postulatio voluntatis* (15 de fevereiro de 1113) de Pascal II.

O hospital de Jerusalém tornava-se no modelo hospitalar por excelência. Gerido por freires leigos, estes eram apoiados espiritualmente (capelães) pelos Cónegos Regulares do Santo Sepulcro e contavam com a presença constante de médicos e cirurgiões, não faltando ainda um pessoal feminino (monjas) e mesmo voluntários de passagem, entre outros servidores (Touati, 2017: 74-76).²⁶ Rapidamente, os Hospitalários instalar-se-iam também na Europa, difundindo esse novo modelo por todo o lado.²⁷

Como dissemos no início deste ensaio, o Hospital de São João do Souto, fundado por Pedro Ourives em Braga, foi-lhes confiado em 1145. Certamente responderia ao modelo que acabámos de descrever. As discórdias que essa e outras doações provocaram no relacionamento dos hospitalários com o clero da diocese bracarense conduziram ao afastamento dos primeiros do Hospital de São João do Souto e à posterior entrega deste hospital a uma confraria criada para a sua administração (cf. Costa, 2000: 142-145). Por falta de infor-

mação, não podemos dizer muito mais em relação ao hospital de Braga.

3. Hospital de São Nicolau (Coimbra)

Armando A. Martins, no seu exaustivo estudo sobre o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, refere-se à fundação do Hospital de São Nicolau como «uma outra via de afirmação» dos Cónegos Regrantes (Martins, 2003: 261), a par, evidentemente, da pastoral ativa paroquial.

Para anos tão recuados não existe muita documentação disponível, sendo difícil descrever a sua organização e funcionamento. De todos os modos, o *Liber Ordinis*²⁸ prescrevia que a administração devia ser confiada a um dos irmãos (o cónego comendador do hospital, ou «hospitalário»), especialmente apto para a tarefa e residente no próprio hospital, que era auxiliado por um irmão converso, mais atento ao quotidiano dos doentes, e por outros religiosos, em caso de necessidade (Martins, 2003: 264-265, 684 e 754).²⁹ Em finais da centúria

²⁶ Segundo testemunhos de finais do século XII, o hospital de Jerusalém tinha uma capacidade de acolhimento de três mil doentes e indigentes.

²⁷ Aquando da segunda peregrinação a Jerusalém, S. Teotónio, o primeiro prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ficou alojado no mosteiro dos Cónegos Regulares do Santo Sepulcro. O contacto com a realidade hospitalar que acabámos de descrever pode ter tido nele grande impacto, levando-o posteriormente à fundação do Hospital de São Nicolau de Coimbra. Situação muito semelhante terá também ocorrido com um outro contemporâneo seu, S. Juan de Ortega, que, de regresso a Castela, fundou também um hospital no caminho francês de Santiago de Compostela.

²⁸ O *Liber ordinis* era composto pelo ordinário e pelo costumeiro do mosteiro, este último fundado na regra agostiniana e seu necessário complemento, na medida em que a adapta às particularidades da comunidade coimbrã (Frias, 2000: 64-65). Como é sabido, esta obra é uma cópia do homónimo do Mosteiro de São Rufo de Avinhão, elaborado pelo abade Lietbert (Frias, 2001; cf. Vones-Liebenstein, 2020: 163-164).

²⁹ Na passagem para o século XIII, a figura do “hospitalário” tornou-se extremamente importante no Mosteiro de São Rufo (Vones-Liebenstein, 2020: 178-179).

seguinte, no entanto, sabemos que as monjas — algumas sorores das Donas de São João³⁰ — desempenhavam um papel importante no serviço dos doentes, como aliás estava previsto quer nas chamadas *Constituições de Letbert*, quer no *Gemma corone claustralium*.³¹

Entre os Cónegos Regrantes, o hospital não era apenas expressão de caridade cristã, mas algo mais fundamental: de acordo com a Regra — tanto a primitiva *Regra de Aix*³² como, sobretudo, a *Regra de Santo Agostinho*³³ —, era parte integrante de qualquer canónica e característica essencial da vida dos seus membros (Martins, 2003: 263-264). Neste sentido, o hospital fundado em Coimbra não se justificava apenas pela necessidade de acolher as vítimas da guerra de reconquista, ou os peregrinos a caminho de Santiago, mas estava associado à própria ação pastoral (a *cura animarum*), complementando-a (evidentemente com a *cura corporum*).³⁴ Simultaneamente, o hospital estava ainda ligado a

certos rituais de carácter litúrgico da comunidade, que revelam ser essa instituição um elemento essencial ao mosteiro. Semanalmente, o ministro hebdomadário dirigia-se em procissão ao hospital para a cerimónia do *mandatum*, ou seja, a celebração da missa, durante a qual ele devia lavar os pés a três pobres (cf. Jo 13, 3-17). Durante a Quaresma, esse ritual realizava-se mesmo diariamente.

Alguns cónegos regrantes estavam envolvidos nas tarefas de assistência, desde o acolhimento dos doentes à própria cura das enfermidades, passando pela preparação das instalações e refeições. A livraria do mosteiro possuía obras de medicina e farmacopeia, e os cónegos regrantes que estudaram em Paris — bolseiros do monarca português — frequentaram também o estudo da Medicina, podendo exercitá-la no regresso a Portugal. Frias refere ainda a influência árabe, por intermédio da comunidade moçárabe que S. Teotónio acolheu

³⁰ Na história crúzia, até à reforma seiscentista, houve apenas quatro casas femininas: o Mosteiro de São João das Donas, anexo a Santa Cruz; o Mosteiro de Santa Ana, dependente do de São Jorge de Coimbra; o Mosteiro de São Miguel, anexo também ao de São Vicente de Fora, em Lisboa; e o Mosteiro de São Félix de Chelas, disputado por Cónegos Regrantes e Dominicanos (Gomes, 2010: 49).

³¹ Refere Armando A. Martins que havia três espécies de «donas»: as cónegas, que asseguravam o coro; as conversas, que se encarregavam dos trabalhos manuais e do serviço no hospital; e as «damas», que se recolhiam no mosteiro e usavam hábito, mas não professavam. Na realidade, as «donas» nunca foram muito numerosas (Martins, 2003: 782; cf. também Gomes, 2010: 66). As desaparecidas *Constituições de Letbert* ninguém sabe o que sejam (ver Vones-Liebenstein, 2020: 165). O manuscrito da *Gemma Corone Claustralium et Speculum Prelatorum Ordinis Beati Augustini*, hoje na Biblioteca Pública Municipal do Porto (ms. 93, BPMP 1219), nunca foi editado (Nascimento & Meirinhos, 1997: 361-363).

³² Ver *supra*, nota 19.

³³ Concretamente: «Para cuidar dos enfermos, dos convalescentes, ou daqueles que, mesmo sem ter febre, padecem alguma enfermidade, seja encarregado um irmão para que peça da despesa o que cada qual necessitar» (*Regra de Santo Agostinho*, V, 37).

³⁴ Na linha, aliás, do que o *Decreto de Graciano* (1140-1142) acabava de decretar sobre a vida comum do clero (ver parte II, causa XII, questão I, capítulo 10), citando Santo Agostinho, no *Sermão 355*: «No es propio del obispo guardar el oro y alejar de sí la mano del mendigo. Son tantos los que a diario piden, gimen; tantos los pobres que me interpelan, que a muchos tengo que dejarlos en la tristeza, porque no tengo para dar a todos» (San Agustín, 1985, XXVI: 251).

no mosteiro (Frias, 2000: 94). De qualquer modo, e ainda segundo o mesmo estudioso, os testemunhos de finais do século XII fazem supor que em Santa Cruz «se praticaria a melhor medicina da região» (Frias, 2000: 95).

Relativamente aos leigos, que mais não fosse, contribuía grandemente com os seus donativos a favor do hospital (Frias, 2000: 94).³⁵

Os Cónegos Regrantes não possuíam apenas esse hospital em Coimbra. Havia ainda o Hospital de São Jorge. Conectado com o Hospital de São Nicolau, foi criado um conjunto de casas para alojamento de idosos, e até de benfeitores (Martins, 2003: 686). Por outro lado, importa ainda referir que, internamente, os Crúzios tinham também uma *domus infirmorum* para o tratamento dos seus doentes, e respetiva convalescença (Santos, 2015: 81). À semelhança do que acontecia com o hospital, também a enfermaria era gerida por um membro especialmente escolhido, o *infirmarius*. Essa enfermaria caracterizava-se por um regime alimentar diferente, pela prática da sangria e pela administração dos sacramentos, particularmente da unção dos enfermos, com um ritual muito próprio, e que foi profusa-

mente estudado, nomeadamente por Joaquim de Oliveira Bragança (Santos, 2015: 84-85).³⁶

4. Notas conclusivas

As informações sobre os dois hospitais referidos, repito, não são abundantes, mas isso não lhes retira o interesse para o tema que procurámos desenvolver aqui.

Os Hospitalários receberam o hospital de São João do Souto, em Braga, e nele incorporaram certamente as práticas que vinham exercitando desde a fundação do hospital em Jerusalém. Nas palavras de José Marques, «os hospitais [...] abrigavam pequenas comunidades, integradas por um ou dois clérigos e alguns irmãos ou irmãs, que se dedicavam a atender os pobres, doentes e peregrinos» (Marques, 1989: 18). Sendo a hospitalidade o principal ofício da Ordem, a regra interna contemplava todas as funções nele envolvidas: os «prodomos», eleitos pelo grão-mestre, e o enfermeiro (membros da Ordem), que garantiam o cuidado dos doentes; os médicos e os cirurgiões (externos que prestavam juramento perante os freires); o boticário e o escrivão. Também imprescindível era o capelão, que

³⁵ Cf. nota 140, na respetiva página. Dos primeiros anos da instituição, o *Livro Santo* refere as doações de Vermundo Aires e de Maria Peres. Posteriormente, são figuras da administração ou da nobreza que fazem doações aos Crúzios, como o alcaide de Cerveira (que ofereceu uma albergaria), D. Sancha (doação monetária), D. Branca (doação de uma vinha), ou ainda do escudeiro da última, Pedro Domingues (doação também monetária) (cf. Campos, 2016: 18).

³⁶ Relativamente ao sacramento da unção dos enfermos, o estudo clássico de Joaquim Bragança intitula-se «*Unctio infirmorum*: Tradições portuguesas do sacramento dos doentes», e foi publicado na revista *Didaskalia*, n.º 2, de 1972.

assegurava a cura da alma dos internados (cf. Costa, 2000: 87-90).

A hospitalidade era também uma tarefa essencial para os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho de Coimbra. O hospital que ali criaram possuía também as funções contempladas pelo seu costumeiro, o *Liber Ordinis*: um administrador (o «hospitalário») e um irmão converso atento às necessidades quotidianas (o enfermeiro); os médicos e o boticário (frequentemente internos); posteriormente, o serviço das monjas de São João. Quanto à cura das almas, como observámos, toda a comunidade estava envolvida em cerimónias com uma forte carga litúrgica.

O novo modelo de hospital que germinou em meios laicais (no caso, a Ordem dos Hospitalários) e clericais (os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho) revela uma renovada preocupação pelos mais pobres, que é vista não apenas como gesto caritativo, mas também, e sobretudo, como serviço pastoral, como missão, integrando aquilo que era apelidado de *cura animarum*, e envolvia evidentemente também o(s) corpo(s). O modelo será, posteriormente, replicado em muitas confrarias mistas, ou apenas laicas, de que se destacariam as confrarias do Espírito Santo. Mas esse seria um outro estudo.

Bibliografia

Fontes

Frias, A. F. (2001). *Fontes de cultura portuguesa medieval: O Liber Ordinis Sanctae Crucis Colimbriensis*. Dissertação de doutoramento em Filosofia. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Porto. 321 pp.;

Hefele, C. J. (1911). *Histoire des conciles d'après les documents originaux*. Letouzey et Ané Éditeurs. Paris. T. IV-1;

Paiva, J. P., Rosa, M. de L. e Gomes, S. A. (dir.) (2003). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum – Antes da fundação das Misericórdias*. União das Misericórdias Portuguesas. Lisboa. Vol. 2;

Verheijen, L. (1967). *La règle de Saint Augustin – Tradition manuscrite*. Études Augustiniennes. Paris. T. I.

Impressa

Araújo, J. (2019). O culto de S. Nicolau em Portugal durante a Idade Média (apontamentos para o seu estudo). *Dimensões*, **42**: 151-166;

Bacci, M. (2009). *San Nicola: Il grande taumaturgo*. Editori Laterza. Roma/Bari;

Balsa, C. (2021). Albergaria da Campeã. Em: Mariani, A. et al. *Povoamento e vias de comunicação ao longo da história* [comunicações apresentadas no II Colóquio Viário do Marão, 9 e 10 de outubro de 2021]. Biblioteca Municipal de Vila Real. Vila Real. Vol. 2. pp. 221-250;

Castiñeiras, M. (2005). Los santos viajan: La circulación de objetos y modelos artísticos en el camino. Em: Von Saucken, P. C. (coord.). *Visitandum est. Santos y cultos en el Codex Calixtinus. Actas del VII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos (Santiago de Compostela, 16-19 de septiembre de 2004)*. Xunta de Galicia. S.l. pp. 63-90;

Castiñeiras, M. (2006). San Nicola attraverso e al di là del Cammino di Santiago. Em: Bacci, M. (coord.). *San Nicola: Splendori d'arte d'Oriente e d'Occidente*. Skira Editore. Milano;

Costa, P. P. (2000). *A Ordem Militar do Hospital em Portugal: Dos finais da Idade Média à modernidade*. Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto;

Costa, P. P. (2013). Templários no condado portugalense antes do reconhecimento formal da ordem: O caso de Braga no início do séc. XII. *Ciências e Técnicas do Património*, **12**: 231-243;

Dietler, M. (1965). Histoire des chanoines réguliers du IV^e au XII^e siècle. *Les Echos de Saint-Maurice*, **63**: 109-141;

Frias, A. F. (2000). Usos, disciplina canónica e Regra em Santa Cruz de Coimbra. *Mediaevalia. Textos e Estudos*, **17-18**: 63-124;

- Gomes, S. A. (2010). *Castas Donas: Cónegas Regrantes de Santo Agostinho em Portugal no período medieval*. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, **10**, 1: 37-71;
- Graciano (1879). *Decretum*. Em: *Corpus Iuris Canonici*. Editio lipsiensis secunda post Aemilii Ludouici Richteri. Ex Officina Bernhardi Tauchnitz. Lipsiae;
- Guerreau-Jalabert, A (2002). *L'ecclésiologie médiévale, Une institution totale*. Em: Schmitt, J.-C. e Oexle, O. G. (dirs.). *Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne: Actes des colloques de Sèvres (1997) e Göttingen (1998)*. Publications de la Sorbonne. Paris. pp. 219-226;
- Histoire du clergé séculier et régulier. Des Congrégations des Chanoines & de Clercs, & des Ordres Religieux de l'un & de l'autre sexe, qui ont été établis jusque' à présent* (1716). Pierre Brunel. Amsterdam. T. 1;
- Horden, P. (2019). *Cultures of healing: Medieval and after*. Routledge. London/New York;
- Labey, P. (2015). *Façonner la figure d'un réformateur. Le coutumier de Saint-Quentin de Beauvais et Yves de Chartres*. Em: Barrow, J., Delivré, F. e Gazeau, V. (dirs.). *Autour de Lanfranc (1010-2010): Réforme et réformateurs dans l'Europe du Nord-Ouest (XI^e-XII^e siècles)*. Université de Caen, Basse-Normandie. Caen;
- Le Goff, J. (1996). *Los intelectuales en la Edad Media*. Editorial Gedisa. Barcelona;
- Marques, J. (1989). A assistência no Norte de Portugal nos finais da Idade Média. *Revista da Faculdade de Letras*, **6**: 11-94;
- Martins, A. A. (2002). Hospitalidade e assistência dos Cónegos Regrantes portugueses nos Caminhos de Santiago. Em: *L'épopée romane. Actes du XV^e Congrès International Rencesvals tenu à Poitiers du 21 au 27 août 2000*. Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale. Poitiers. T. 1. pp. 193-200;
- Martins, A. A. (2003). *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Centro de História da Universidade de Lisboa. Lisboa;
- Mcknight, G. H. (1917). *St. Nicholas: His legend and his rôle in the Christmas celebration and other popular customs*. G. P. Putnam's Sons. New York/London;
- Ramsey, B. (2004). Foreword. Em: Augustine of Hippo. *The monastic rules*. New City Press. New York;
- Ribeiro, M. do C. (2016). A implantação das instituições de assistência na paisagem urbana medieval: Reflexões sobre os progressos de urbanização das cidades de Braga e Guimarães (Norte de Portugal). Em: Caverio Domínguez, G. (coord.) *Civitas bendita: encrucijada de las relaciones sociales y de poder en la ciudad medieval*. Universidad de León. León;
- San Agustín (1985). *Obras completas de San Agustín – Sermones*. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid. Vol. 6, T. XXVI;
- Santos, D. O. A. dos (2015). A *domus infirmorum* do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e o acolhimento no hospital de São Nicolau (Portugal, séculos XII-XIII). *História*, **34**, 1: 75-91;
- Silva, A. M. (2017). *São Teotónio: Vida, obra e iconografia*. Dissertação de mestrado integrado em Teologia. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia. Braga. 149 pp.;
- Touati, F.-O. (2017). *Yves de Chartres (1040-1115): Aux origines de la révolution hospitalière médiévale*. Les Indes savantes. Paris;
- Verheijen, L. (1967). *La règle de Saint Augustin – Recherches historiques*. Études Augustiniennes. Paris. T. II;
- Vones-Liebenstein, U. (2020). The Customaries of Saint-Ruf. Em: Pansters, K. (ed.). *A Companion to Medieval Rules and Customaries*. Brill. Leiden. pp. 155-192.

Digital

- Campos, M. A. A. de (2016). The bequest of Pedro Domingues, 1335: The foundation of a chapel in honour of Dona Branca, princess of Portugal, in the church of Santa Justa of Coimbra. *Medievalista*, **20**. Acedido em 10 de abril de 2024, em: <http://journals.openedition.org/medievalista/1192>;
- Cioffari, G. (2016). San Nicola in Spagna sul «Cammino di Santiago» e nella «Reconquista». Acedido em 4 de abril de 2024, em: <http://www.centrostudinicolaiani.it/articoli/allegato/san-nicola-sul-cammino-de-santiago-e-nella-reconquista.pdf>;
- Regra de Santo Agostinho*. Acedido em 25 de junho de 2025, em: <https://agostinianos.org.br/santo-agostinho/regra/>;
- Regra de São Bento*. Acedido em 10 de abril de 2024, em: <https://www.asg.org.br/images/saoBento/RegraSB.pdf>.